

# Discurso e prosódia: uma interpretação de usos e efeitos da voz num programa eleitoral

(Discourse and prosody: An interpretation of the uses and effects of the voice in electoral program)

Carlos Piovezani<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Letras e Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar

cpiovezani@uol.com.br

**Abstract:** Based on the French Discourse Analysis, we intend to interpret certain prosodic elements that affect the sense of constitution in the political discourse in Brazil. More specifically, we analyze statements of Free Political Advertising, in the 2010 presidential elections, focusing on features and vocal modulations in the speech of the candidate Dilma Rousseff. Besides participating in the construction of the effects of authenticity in her words and frankness in what is said, the voice of Dilma decisively contributes to the production of their womanhood, refuting opposing statements of a discursive formation and affirming her feminine quality as a mother and wife.

**Keywords:** Discourse analysis; Political discourse; voice; meaning effects.

**Resumo:** Fundamentados na Análise do discurso francesa, pretendemos interpretar as unidades prosódicas que incidem na constituição dos sentidos no discurso político brasileiro. Mais especificamente, analisaremos enunciados do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, das eleições presidenciais de 2010, focalizando características e modulações vocais num pronunciamento da então candidata Dilma Rousseff. Além de participar da construção de efeitos de autenticidade em seu dizer e da franqueza no que se diz, a voz de Dilma contribui decisivamente para a produção de uma sua condição feminina, refutando enunciados de uma formação discursiva adversária e afirmando sua qualidade de mulher, esposa e mãe.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. discurso político, voz; efeitos de sentido.

## Introdução

Em Orlandi (2001, p. 9 e 12), a autora afirma que há uma “materialização da voz nos sentidos” e que “os ‘meios’ nunca são neutros. Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam”. Este trabalho é tributário dessa ideia, bem como das indicações de Pêcheux (1997, p. 21-28), sobre as implicações políticas do ritmo, da melodia e da circulação do enunciado *On a gagné* [‘Ganhamos’] no contexto eleitoral francês do começo dos anos 1980, e daquelas de Courtine (2003) sobre as transformações sofridas pelo discurso político contemporâneo, tal como em sua seguinte afirmação: “As manifestações vocais do discurso político entraram na era dos cochichos” (p. 28).

Ademais, este estudo ainda incorpora preceitos e análises oriundos de pesquisas produzidas fora do horizonte da Análise do discurso, mas que consideraram de maneira fina e instigante as relações entre sons e sentidos no uso da língua, como os de Albano (1988), Cagliari (1992) e Madureira (1996). Já no interior das atuais pesquisas discursivas compartilhamos das propostas de Souza (2009). As funções desempenhadas pelos elementos vocais são, contudo, aqui consideradas sob o ponto de vista discursivo, segun-

do o qual a produção dos efeitos de sentidos se dá no interior de uma formação discursiva, por meio das paráfrases que se processam em seu interior, de seus “efeitos metafóricos” (PÊCHEUX, 1990, p. 96).

É, portanto, a partir da Análise do discurso de linha francesa, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e seu Grupo, que pretendemos descrever e interpretar certos elementos prosódicos que incidem na constituição dos sentidos no discurso político brasileiro contemporâneo. Mais especificamente, analisaremos sequências discursivas extraídas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, das eleições presidenciais de 2010, focalizando, sobretudo, certas marcas e inflexões vocais presentes num pronunciamento da então candidata Dilma Rousseff. Além de participar da construção de efeitos de autenticidade de seu dizer e da franqueza do que é dito (PIOVEZANI, 2009, p. 247 et seq.), a voz de Dilma contribui decisivamente no excerto analisado para a produção de uma sua condição feminina, refutando enunciados de uma formação discursiva adversária e afirmando sua condição de mulher, esposa e mãe.

Uma vez que em seus pronunciamentos em propaganda eleitoral na tevê o locutor político frequentemente é perseguido por vários estigmas em suas intervenções, entre os quais se destaca o de mentiroso, cabe-lhe empregar recursos verbais, gestuais e vocais para produzir distintos efeitos de verdade. Eis aí o que pretendemos demonstrar, após emprendermos uma rápida reflexão sobre alguns aspectos do papel desempenhado pela voz na produção da verdade do discurso político.

## **Voto, voz e verdade**

Em função de sua importância, a relação entre a voz e a verdade na história humana foi tematizada, ao menos no mundo ocidental, desde a Antiguidade. Em *Hipólito*, de Eurípidés, observamos a seguinte passagem:

Ah! Como seria necessário que existisse em nossas emoções terrenas um índice seguro para discernir os corações, para distinguir a verdadeira ternura daquela que nos é falsa. Seria preciso que todo homem possuísse dois timbres de voz: um para a verdade e outro para todos os outros usos. Assim, a entonação sincera desmascararia as mentiras do coração culpado, e nós não seríamos mais enganados! (1999, versos 920-927)

Face à suposta dissimulação de Hipólito, que fingiria diante de seu pai não ter tentado seduzir Fedra, sua madrasta, Teseu manifesta nessa passagem um desejo que o precedia e que o sucederá, estendendo-se até a contemporaneidade: o de conhecer as inclinações invisíveis da alma, a partir da decifração de marcas presentes e visíveis no corpo. Além da tragédia grega, vários outros textos formadores do pensamento ocidental refletiram sobre a voz: enquanto no livro do *Genesis*, a sedução da voz feminina sobrepõe-se à virtude, na *Odisseia*, a razão, via voz masculina de Ulisses, sobrepuja a tentação melódica das sereias. Assim, a voz congrega no homem duas facetas de sua humanidade: a beleza que o seduz e a razão que o esclarece. Em suma, em tempos diversos, de distintos modos, uma antiga e constante vontade antropológica impele-nos a tentar identificar o belo e o feio, a razão e a loucura, a bondade e a maldade, a verdade e a mentira em traços inscritos no verbo, no corpo e também, de modo privilegiado, na voz.

O mecanismo, presente em práticas cotidianas, parece intensificar-se à medida que nos aproximamos de determinados campos sobre os quais recaem não poucas suspeitas. Não raras vezes estigmatizado por sua configuração formal e censurado por seu pretensão conteúdo ludibriador, o discurso político não desfruta de boa reputação. Um dos traços que o atestam é a busca incessante desse discurso pela credibilidade e pela legitimidade. Essa busca deriva da própria condição do poder na esfera política, visto que se trata de um tipo de “crédito firmado na crença e no reconhecimento” (BOURDIEU, 2001, p. 187-188), ou seja, na relação de confiança e na atribuição ternária mediante as quais os sujeitos sociais conferem a um seu representante os poderes, dos quais ele já se encontra parcialmente investido e cujo complemento definitivo é efetuado por aqueles que, ao mesmo tempo, concedem esses poderes e abdicam deles mais ou menos à sua revelia.

O fato de esse crédito estar baseado na confiança legítima, mas, concomitantemente, enfraquece a política e o discurso político, tornando-os relativamente vulneráveis e suscetíveis às suspeitas, às denúncias, às acusações e aos escândalos. A origem da potência do discurso político é também o princípio de sua debilidade, uma vez que sua *fides* e *auctoritas* emergem justamente onde pululam dúvidas e dívidas, isto é, sua força e fraqueza derivam do crédito depositado por aqueles que estão sujeitos ao poder político, mas que, paradoxalmente, o legitimam, naqueles que o exercem. No discurso político, portanto, a confiança relativa nele depositada habita a mesma morada em que residem a enorme descrença que o frequenta e a pecha de mentiroso que o persegue. A despeito de se tratar ou não de uma sua propriedade constitutiva, a desconfiança que convive com o discurso político recebe novos contornos da “espetacularização” da política, isto é, quando sua constituição e formulação são produzidas por agências de *marketing* e quando sua transmissão hegemônica é feita pelos meios contemporâneos de comunicação.

Com efeito, a antiga desconfiança, derivada dos alegados desencontros entre fala, pensamento e ação nesse campo, que incide sobre o dizer político e nele promove uma constante busca pela produção de efeitos de verdade, investe-se de novas nuances em nossos tempos, quando se o concebe como propaganda televisiva e não como compromisso ideológico efetivo. Desde a Modernidade, a consonância entre a paulatina consolidação de valores igualitários, o recrudescimento do individualismo, a constituição das sociedades de massa e o desenvolvimento de tecnologias de som e imagem produziu significativas metamorfoses nos pronunciamentos políticos transmitidos pela televisão, de modo a fazer com que eles se assemelhem cada vez mais a conversas privadas, em que pese sua condição de fala pública. A esses fatores somam-se os usos públicos e privados de nossa língua amiúde avessos ao ritual e à cerimônia e frequentemente afeitos às abordagens sem rodeios e ao tratamento íntimo, mesmo quando se trata de política partidária, em contexto nacional.<sup>1</sup>

Ao adotar um estilo que simula uma conversa em sua interlocução televisiva, em detrimento de um típico pronunciamento eleitoral em alto volume e com tom peremptório, o enunciador do discurso político-eleitoral mobiliza verbo, corpo e voz para produzir efeitos de sinceridade em seus enunciados e de autenticidade em sua enunciação, tal como fora postulado por Piovezani (2009), conforme dissemos acima. O processo, reiterado ao longo de boa parte dos programas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE)

<sup>1</sup> “A manifestação normal de respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade. E isso é tanto mais específico, quanto se sabe do apego frequente dos portugueses, tão próximos de nós em tantos aspectos, aos títulos e sinais de reverência” (HOLANDA, 1995, p. 138).

do pleito que conduziu Dilma Rousseff à condição de presidente da República, pode ser observado em passagens, abaixo reproduzidas, de pronunciamentos da então candidata. Trata-se de intervenções cuja melodia e dinâmica da fala indicam a franqueza e a experiência pessoal do enunciador, praticamente elidindo em determinados excertos sua condição de porta-voz ideológico-partidário. As modulações da substância fônica da expressão coadunam-se perfeitamente, aliás, com a própria temática de cunho particular presente na fala de Dilma. Diferentemente dos tumultos das massas mobilizadas, em espaço público, diante de um palanque, por ideais e ideologias, a imensa multidão telespectadora é composta por indivíduos que veem e ouvem o candidato no conforto e no isolamento de suas salas, amiúde sem o engajamento ideológico de outrora. O estilo da fala parece, portanto, adequar-se bastante bem ao ambiente doméstico em que ela é recebida, visto que os pronunciamentos assemelham-se a conversas cordiais e, às vezes, até íntimas.

### **Marcas e modulações vocais num programa eleitoral de Dilma Rousseff**

Falar francamente e revelar a verdade são ações que se encontram conjugadas nos pronunciamentos de Dilma, exibidos no primeiro programa do HGPE, da tarde do dia 17 de agosto de 2010. Depois da abertura do programa, realizada por meio do surgimento na tela da inscrição “Dilma, 13 – Presidente”, acompanhada abaixo do *slogan* “Para o Brasil seguir mudando” e da seguinte intervenção do locutor da campanha “Começa agora o programa Dilma Presidente”, tem-se o início da primeira manifestação da voz da então candidata Dilma Rousseff, cujo início não é acompanhado pela aparição da imagem de seu próprio corpo, mas pela imagem do deslocamento por uma rodovia pavimentada: “Ninguém faz as coisas, quando ela não tem paixão, nem crença. Tem de ter paixão pra fazer. O que te permite realizar é sua capacidade técnica, é verdade. Mas o que te mobiliza e te faz não esmorecer são seus compromissos”. A entoação contínua, as pausas ora mal colocadas entre o verbo e seu objeto na primeira e na terceira orações ora bem colocadas como entre “te faz” e “não esmorecer”, as leves oscilações de volume entre a ênfase das sílabas tônicas em “**não esmorecer**” e a atenuação a partir do verbo de ligação no último período e o tempo cadenciado constroem uma fala um pouco hesitante, mas também tranquila e amena. Contrastam com essa fala dois fragmentos de pronunciamentos, de Lula e de Dilma, feitos originalmente na tribuna da convenção do PT, realizada no dia 13 de junho de 2010, durante a qual o nome de Dilma foi aclamado oficialmente como candidata do partido, e reproduzidos nesse primeiro programa do HGPE. Tal contraste deve-se essencialmente ao tom suave da primeira intervenção de Dilma em seu programa, que se opõe de modo explícito à altura e à energia das duas proferições que a sucedem.

A reprodução de um breve fragmento da intervenção enfática de Lula manifesta um uso bastante preciso da voz: “Eu **realmente**/ fico muito **feliz** /de **saber** que eu **posso** entregar a **faixa** presidencial pra uma **companheira** do meu **partido** e uma **companheira** **mulher** é uma **coisa** **gra:ti:fi:can:te**”. Além do alto volume, as pausas e as distribuições das sílabas tônicas salientes intensificam os supostos estados anímicos do sujeito, a referência à candidata então aclamada e os atributos que lhe são próprios. Ademais, o efeito de entusiasmada euforia de Lula é particularmente marcante na silabação espaçada do adjetivo com o qual ele encerra seu enunciado. Entre essa fala de Lula e a de Dilma, como dissemos, também pronunciada na convenção do PT, há uma intervenção da branda voz do locutor da campanha: “Seguir mudando o país, esse é o compromisso de Dilma com

o povo brasileiro”. Seu tempo é relativamente lento, seu volume, baixo, e sua melodia, harmoniosa e suave. Parece que estamos, enfim, diante de um significativo contraste entre a ênfase e a atenuação: fala suave de Dilma / fala enfática de Lula / fala suave do locutor da campanha / fala enfática de Dilma. Nesta última, a recém-aclamada candidata do PT à presidência da República diz o seguinte: “É em nome de todas as mulheres do Brasil, em especial em nome da minha mãe e da minha filha, que recebo essa homenagem e essa indicação para concorrer à presidência da República”. Em meio ao alto volume vocal que atravessa quase toda a elocução da enunciadora, introduz-se uma tessitura baixa num tempo cadenciado para aduzir e destacar um elemento pessoal, qual seja a referência à sua mãe e à sua filha. A consonância entre essa tessitura vocal e a menção ao foro íntimo da candidata dão ensejo à sequência do programa, que basicamente é uma biografia da candidata, que mescla alusões às instâncias pública e privada de sua vida.

Fatos e passagens da história da candidata são apresentados por várias vozes: pela do locutor da campanha, pela própria voz de Dilma ou pelas vozes de duas amigas e de seu ex-marido. Temos então um coro de vozes, no qual se destacam tanto a singularidade de cada timbre quanto o uníssono que realça as virtudes públicas e privadas da candidata. No que diz respeito às primeiras, sublinha-se nesse programa sua oposição à Ditadura Militar. Essa oposição, aliás, é construída de um modo bastante interessante: ante o passado de violenta repressão da Ditadura, da qual Dilma foi vítima, uma vez que foi presa e torturada, o rancor que poderia estar contido nas réplicas do presente é substituído pela brandura nas escolhas linguísticas, na postura do corpo e nas modulações da voz. Pela língua, pelo corpo e pela voz, os enunciadores da campanha da coligação liderada pelo PT parecem retomar e refutar um enunciado bastante caro à formação discursiva adversária: “Dilma foi/é uma militante da esquerda radical/uma militante radical da esquerda”.

Além do estigma do radicalismo de esquerda, chamado também de terrorismo pelos adversários políticos e seus partidários, Dilma ainda é impelida a afastar a pecha da frieza tecnocrática com a qual pretensamente conceberia a vida pública, tão ao avesso da sensibilidade feminina que se angustia em face do sofrimento alheio. Entram então em cena suas virtudes pessoais. A alusão à instância privada, na qual se destaca sua condição de mulher, esposa e mãe, é feita pela voz amena do locutor da campanha, após a referência ao período em que a candidata esteve presa: “Dilma reencontra a liberdade três anos depois e reconstrói sua vida em Porto Alegre, onde se casa e se torna mãe”. Na sequência, o ex-marido de Dilma, Carlos Araújo, oscila entre o tom leve e o emotivo, ao afirmar que teve o privilégio de ter convivido e concebido uma filha com Dilma. Trata-se aparentemente de uma ocasião mais do que oportuna para o início de uma nova intervenção de Dilma:

A **Paula** é a **minha filha única, né?** Criada com **toda a**::: maluquice de uma **mãe, quando acha** que o seu **bebê**::, né, se **tiver dormindo**: ‘**Tá dormindo demais** essa menina’; se **tiver acordada**: ‘Essa menina **não tá dormindo**’::: Acho que a **gente, quando nasce** o **filho, sabe qual é a sensação?** Que **você** é uma **pessoa privilegiada**. Essa **doação**: sem **pedir nada** em **troca**::: é **única**:::, é **única na vida**.

A temática maternal, o registro linguístico informal (presente nas formas linguísticas “né”, “tiver”, “tá”, “a gente”), a justaposição desarticulada de orações (“Acho que a gente, quando nasce o filho, sabe qual é a sensação”), em tese, típica da modalidade oral, e as modulações da voz produzem efeitos de afetividade, de espontaneidade e de autenticidade no pronunciamento de Dilma. Em conjunto com as escolhas lexicais, a

distribuição das sílabas tônicas é precisa e cumpre ainda a função de sublinhar os referentes, suas ações e seus atributos, destacando, portanto, o tema da maternidade, com suas angústias e sua satisfação. Na dinâmica da fala, o tempo compassado e as pausas bem colocadas dão relevo ao tom emocionado, por meio do qual a intervenção se processa. A pausa relativamente longa entre os segmentos “Criada com toda a” e “maluquice de uma mãe” é acompanhada pela imagem da candidata, que, ao movimentar de modo peculiar e significativo as mãos e a cabeça, parece antecipar a alusão à condição “patológica” pela qual passa toda mulher ao tornar-se mãe. A condição singular da maternidade é reforçada ainda pela reiteração da locução adjetiva “é única”, separada e realçada também por uma pausa relativamente longa. Além desses usos da voz, destacamos, por fim, mais uma função da modulação vocal nesse fragmento, a saber, a produção de uma tessitura baixa por meio da qual se cria o discurso direto que projeta uma típica fala de toda mãe, que, em princípio, por definição, é excessivamente preocupada, em que pese seu imenso contentamento: “Tá dormindo demais essa menina” / “Essa menina não tá dormindo”. A seu modo, repete-se aqui o já dito, sob a forma de clichê: “Ser mãe é padecer no paraíso”. A conjunção desses elementos linguísticos e vocais constrói de certo modo, no interior da formação discursiva da coligação em torno do PT, o seguinte enunciado: “Dilma **não** é uma militante radical de esquerda/**não** é uma tecnocrata fria, mas, sim, uma mulher sensível e uma mãe amorosa e devotada”. Esse enunciado retoma e recusa ditos da formação discursiva adversária e permite inferir alguns outros oriundos da FD petista: “Dilma será mulher, esposa e mãe de e para todos os brasileiros...”

### Considerações finais

O discurso político eleitoral transmitido pela televisão é verbal, imagético e vocal e incide sobre a escuta e sobre o olhar do telespectador; esse discurso apresenta-se cada vez mais sob novas formas semiológicas, formula-se em uma ampla gama de gêneros discursivos e explora as possibilidades abertas por sua circulação em um *medium* audiovisual. Diante dessa sua configuração, cremos que uma abordagem discursiva que se detenha estritamente na linguagem verbal não seja suficiente para interpretar seu caráter compósito.

No HGPE, em conjunção com as formas linguísticas, o corpo e a voz produzem efeitos de verdade por meio do olhar em *close*, dos gestos e, *last but not least*, das marcas e modulações da voz. A despeito da produção desses efeitos no que se diz, dada sua má fama de mentiroso, o discurso político precisa ainda e, talvez, sobretudo construir e manifestar a autenticidade de seu próprio dizer. Considerando seu alcance heurístico, a abordagem dessa construção e manifestação, a partir da dimensão sonora da fala pública política e eleitoral, se nos apresenta possível e pertinente.

A voz do político profissional é o elemento sonoro de uma subjetividade e o coro institucional de vozes que o sustenta. No caso de Dilma, os ditos e os dizeres de seus partidários e, principalmente, as marcas e inflexões de sua própria voz participam de modo decisivo da produção desses efeitos de verdade e de sua condição de mulher, esposa e mãe, de modo a confrontar os ataques, as injúrias e os insultos de adversários. Diferentemente de outrora, quando o feminino era forçosamente visto na esfera política como um signo de fragilidade, em nossa era a voz mais ou menos desprovida de testosterona pode soar como uma força redentora do feminino no espaço público. Apesar disso, não se deve

desconsiderar que na voz de Dilma ecoam traços do poder masculino. Ou seja, mais uma vez, a voz se nos apresenta como uma metáfora de nossos tempos, ao demonstrar tendências e paradoxos da história de nossas relações sociais.

## REFERÊNCIAS

- ALBANO, E. Fazendo sentido do som. *Ilha do desterro*, Florianópolis, n. 18, p. 11-26, 1988.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 311 p.
- COURTINE, J.-J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M. R. (org.) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 21-34.
- GÊNESIS. In: *Bíblia*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/bible/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/bible/index_po.htm)>.
- HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995. 220 p.
- HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Hedra, 2011.
- GAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 23, p. 137-151, 1992.
- EURÍPIDES. Hippolyte. In: *Les tragiques grecs: Eschyle, Sophocle, Euripide (Théâtre complet)*. Paris: Éditions de Fallois, 1999. p. 897-950.
- MADUREIRA, S. A matéria fônica, os efeitos de sentido e os papéis do falante. *Delta*, São Paulo, n. 12, p. 87-93, 1996.
- ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001, 218p.
- PECHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 61-161.
- \_\_\_\_\_. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997. 68 p.
- PIOVEZANI, C. *Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político*. São Paulo, Editora Unesp, 2009. 367p.
- SOUZA, P. *Michel Foucault: o trajeto da voz na ordem do discurso*. Campinas: RG, 2009. 118p.